

Tião Carreiro e Pardinho - Preto de Alma Branca

tom:

G

Fazenda da liberdade quando o coroné vivia
 Seus empregado e colono gozava de regalia
 Mas tudo que é bom se acaba cada coisa tem seu dia
 Foi numa tarde de maio o coroner falecia
 Um preto veio choro na hora que o caixão saía
 Era o peão mais antigo, que na fazenda existia
 Com a morte do coroné seu filho ficou patrão
 Mas não herdou do seu pai aquele bom coração
 Mandou chama o preto velho e falo sem compaixão
 Vou manda você embora, não tenho mais precisão
 Preciso de gente nova pra cuida das criação
 Foi mais um golpe doído, na vida desse cristão, ai
 No palanque da mangueira o preto veio encosto
 Ali de cabeça baixa o seu passado relembro

De quantos boi cuiabano nos seus braços já tombô

Quantos potro redomão sua chilena quebrou

Um estalo na portera neste momento escutô
 Um pantaneiro furioso, na manguera penetrô, ai

A filha do fazendero sua prendinha querida
 Aquele anjo inocente brincava muito entretida

O preto saiu correndo com suas perna enfraquecida
 Parou na frente do boi quando ele deu a investida

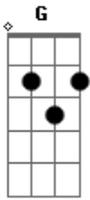
Já na primeira chifrada a sua força foi vencida
 Pra sarvar a sinhazinha, ele arrisco sua própria vida

O fazendero correndo, cinco tiro disparo
 Derrubou o pantaneiro mas já não adianto

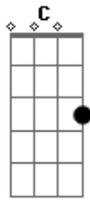
Abraçando o preto velho o coitado ainda falo
 Mandê benzê a sinhazinha do susto que ela levo

Eu preciso ir-me embora minha hora já chego
 E o preto de arma branca, desse mundo descansou, ai

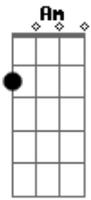
Acordes



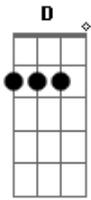
© ukulele-chords.com



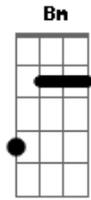
© ukulele-chords.com



© ukulele-chords.com



© ukulele-chords.com



© ukulele-chords.com